
Artigo

As prioridades de F

Paul
Krugman *

Pelos padrões da administração de George W. Bush, o secretário do Tesouro (ministro da Economia) Henry Paulson é um bom sujeito. Ele não é visivelmente incompetente e não está tentando nos enviar à guerra com engodos, justificar a tortura e pro-

teger fornecedores corruptos.

Mas as ações de Paulson refletem as prioridades da administração à qual ele serve. E isso, em última instância, é o que está errado no plano de alívio da crise hipotecária que ele anunciou na semana passada.

O plano é, como colocou o editorial de domingo do *The New York Times*, “pequeno demais, tarde demais e voluntário demais”. Do ponto de vista da administração, porém, esses defeitos não são problemas, são características.

De fato, existe um consenso

crescente entre observadores financeiros de que o plano de Paulson não visa principalmente a obter resultados reais. Ele antes pretende criar a aparência de ação, minar, com isso, o apoio político a tentativas reais de ajudar as famílias em dificuldade.

Em particular, o plano de Paulson é, provavelmente, uma tentativa de esvaziar a bola de Barney Frank. Frank, o presidente democrata da Comissão de Serviços Financeiros da Câmara, patrocinou uma lei que concederia a juízes

Henry Paulson

de casos de falência a possibilidade de reescrever termos de empréstimos hipotecários. Mas, como expressou uma manchete no *CongressDaily*, “Banqueiros esperam que plano subprime de Bush derrube lei da Câmara”.

Nos termos de Elizabeth Warren, a especialista em falências de Harvard, “O plano da administração para o problema das hipotecas subprime é o sonho do lobby dos bancos.” Considerando-se a trajetória de Bush, isso não deveria surpreender.

Na verdade, há três preocupações distintas associadas à maré crescente de execuções hipotecárias nos Estados Unidos. Uma é a estabilidade financeira: quando bancos e outras

totalmente centrado na redução dos prejuízos dos investidores. Qualquer alívio menor que ele possa proporcionar a tomadores em dificuldade é claramente incidental. E ele não faz nada para as vítimas dos empréstimos predatórios.

O plano estabelece diretrizes voluntárias pelas quais alguns, mas somente alguns, tomadores cujos pagamentos hipotecários deverão subir podem obter um alívio temporário. Isso, supostamente, deverá ajudar os investidores porque a execução hipotecária de uma casa é cara: os honorários legais são altos e a casa geralmente é vendida por menos que o valor da hipoteca.

dito bom que foram induzidas enganosamente para acordos hipotecários ruins, que deveriam ser direcionadas para empréstimos com termos melhores? Elas não recebem nada: o plano Paulson especificamente exclui tomadores com bom histórico de crédito. Aliás, o plano na verdade é um incentivo para algumas pessoas não pagarem dívidas vencidas porque isso as faria parecer um risco de crédito ruim e qualificáveis ao alívio.

Agora, a tentativa de Paulson de ajudar investidores enquanto faz pouco ou nada para tomadores fraudados e encenados só faria sentido se o seu plano reduzisse os prejuízos dos investidores o suficiente para melhorar seriamente a si-

DE NATAL

**A LOJA
TRADA***

**IA DEDICAÇÃO
TOTAL A**



instituições sofrem enormes prejuízos com seus investimentos relacionados a hipotecas, o sistema financeiro como um todo está cambaleante. Outra é o sofrimento humano: centenas de milhares e, provavelmente, milhões de famílias americanas perderão as suas casas.

Por último, existe uma injustiça: o boom subprime envolveu empréstimos predatórios – empréstimos a juros altos impingidos a pessoas que se qualificavam a taxas mais baixas – numa escala épica.

O *Wall Street Journal* revelou que mais de 55% dos empréstimos subprime feitos no auge da bolha imobiliária “foram para pessoas cuja classificação de crédito era alta o suficiente para se qualificarem, em geral, para empréstimos convencionais com termos bem melhores.” E, num mercado imobiliário em queda, essas vítimas ficam paralisadas, incapazes de refinarciar.

Os problemas são três, portanto. Mas o plano de Paulson – ou, para usar seu nome oficial, o plano Hope Now Alliance – é

‘Plano para a crise das hipotecas é o sonho do lobby dos bancos’

“A execução não beneficia ninguém”, disse Paulson, num fórum interativo na Casa Branca. “Ouvi estimativas de que os investidores hipotecários perdem de 40% a 50% de seu investimento se ele entrar em execução.”

ACORDOS RUINS

Mas os tomadores não ganharão também? Não se os planejadores puderem evitar. O alívio está restrito aos tomadores cuja dívida hipotecária for pelo menos 97% do valor da casa – o que significa que, em muitos casos, talvez na maioria deles, aqueles que obteriam alívio da dívida seriam os tomadores que devem mais que o valor de sua casa. Essas pessoas ficariam quase tão bem em termos financeiros se simplesmente caíssem fora.

E quanto às pessoas com cré-

tuação financeira geral.

Entretanto, somente uma pequena fração dos tomadores subprime se qualificarão ao alívio e muitos desses tomadores acabarão enfrentando a execução hipotecária de qualquer forma. Assim, é improvável que o plano reduza os prejuízos gerais associados a hipotecas em mais do que uns poucos por cento, quando muito – insuficiente para fazer qualquer diferença real para a estabilidade financeira. Aliás, os spreads da taxa de juro que vêm sinalizando uma crise de confiança no sistema financeiro não diminuíram quando o plano foi anunciado.

Mesmo assim, alguém poderia dizer que o plano de Paulson é melhor que nada. Mas a alternativa relevante não é nada; é um plano que – assim como a proposta de Barney Frank – ajudaria de fato as famílias trabalhadoras. E é isso que a administração Bush está tentando evitar. ●

*Paul Krugman escreve para o ‘New York Times’